

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FIM

MAURÍCIO FURLANETTO

Porto Alegre

2015

MAURÍCIO FURLANETTO

FIM

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, área de concentração Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Charles Kiefer

Porto Alegre

2015

*Para minha família,
Pais,
Irmã,
Sobrinhos,
eles sabem,
não preciso dizer aqui,
digo lá.*

AGRADECIMENTOS

Existem pessoas que devemos agradecer por sua amizade, gentileza e ensinamentos. Elas tornam muito prazeroso este mundo. Para os professores Paulo Ricardo Kralik, Charles Kiefer, Biagio D'Angelo, Ricardo Barberena, Luiz Antonio de Assis Brasil, Pedro Theobald e Regina Kohlrausch. Aos amigos que entraram comigo no mestrado, são eles: Cristiano Baldi, Davi Boaventura, Eduardo Cabeda, Reginaldo Pujol Filho, Ricardo Kroeff, Rodrigo Rosp e Vanessa Silla. Pelas conversas e pelo incentivo, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras PUCRS, Maria da Glória di Fanti. Ao atendimento cuidadoso de Tatiana Carré e Alessandra Carvalho. Aos participantes da minha banca pela gentileza do aceite à dedicação na leitura e considerações, professores Carlos Gerbase e Flávia Seligman. E para aquele que sempre incentivou e que dedica seu tempo para ensinar novos caminhos na escrita e na leitura em suas oficinas literárias, professor Charles Kiefer, um grande mestre. Aos amigos Rosi Germann, Luciane Weigert, Janie Pacheco, Isabel Castro, Ana Luisa Maldonado, Cilene Estol e Márcio Schoenardie por dividirem muitos momentos comigo.

Corroendo
As grandes escadas
Da minha alma.
Água. Como te chamas?
Tempo.

Vívida antes
Revestida de laca
Minha alma tosca
Se desfazendo.
Como te chamas?
Tempo.

Águas corroendo
Caras, coração
Todas as cordas do sentimento.
Como te chamas?
Tempo.

Irreconhecível
Me procuro lenta
Nos teus escuros
Como te chamas, breu?
Tempo.

(Da Morte. Odes Mínimas. Hilda Hilst)

RESUMO

A presente dissertação está dividida em duas etapas. Na primeira, é apresentado um ensaio com teorias para orientar as decisões na construção da obra. Ainda nessa etapa são apresentados o argumento, as escaletas e a orientação estética da direção de arte cenográfica, bem como os personagens para desenvolvimento do roteiro. Nos anexos, estão os três capítulos da microssérie *Fim*.

Palavras-chave: Microssérie, Fotografia, Literatura, Memória.

ABSTRACT

This thesis is divided into two stages. At first, it presents an essay with theories to guide decisions in the construction work. Even at this stage it is presented the argument, the escaletas and aesthetic orientation of the direction of scenic art as well as the characters for script development. Annexes are the three chapters of the miniseries End.

Keywords: Microseries, Photography, Literature, Memory.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A MICROSSÉRIE – DA IDEIA AO ROTEIRO	12
A ideia e o título	12
Storyline	13
Sinopse	15
Argumento	16
Direção de arte e cidade imaginária	22
Descrição das personagens	25
Escaletas	33
Roteiro	45
Capítulo 01	49
Capítulo 02	75
Capítulo 03	103
3. POR FIM	123
4. BIBLIOGRAFIA	124

INTRODUÇÃO

Fim, normalmente, é indicação do final de uma trama cinematográfica. Nesse caso, "fim" retrata a real situação de uma cidade. O que acontece com o passar do tempo quando as pessoas deixam de existir e, então, suas imagens perdem o significado da existência? Suas histórias passam a viver na memória de conhecidos e, quando esses desaparecem, as novas gerações esquecem ou até mesmo desconhecem seus antepassados. Imaginemos se, atrelado ao desaparecimento das pessoas, uma cidade também estivesse prestes a se extinguir. Poucos habitantes ainda vivem nessa cidade, e os antigos moradores que desapareceram são lembrados através de fotografias. A história deles começa a ser contada pelos poucos moradores. Esse é o ponto de partida para o desenvolvimento de uma *microsérie*¹ que irá abordar o tema memória e as relações dessa pequena cidade com apenas oito habitantes. Trata-se de uma ficção, mas, atualmente, existem cidades que vivem em uma *microsociedade*. Um exemplo é a cidade de Hum², na Croácia, com apenas vinte e três habitantes. Como conviver com poucos habitantes? O convívio social se daria de forma próxima e amistosa, ou, por serem poucos, haveria um distanciamento? Essas reflexões serão abordadas no processo criativo e no roteiro desenvolvido. A memória de cidades e pessoas será o tema tratado nesta dissertação.

É de interesse do autor o uso da linguagem audiovisual para retratar a solidão e o distanciamento dos habitantes, portanto, será trabalhado o gênero de *microsérie*. As possibilidades de uso da imagem serão um dos alicerces do trabalho. Essa história origina-se de um romance que o autor está desenvolvendo, e a ideia surgiu quando, em uma visita a um sebo na cidade de Porto Alegre, o autor encontrou centenas de fotos de família à venda. Isso causou curiosidade. Afinal, por que os parentes descartaram as fotografias? Aquelas pessoas retratadas não tinham significado para as novas gerações? Seria esse o "fim" dessas pessoas das imagens?

A produção audiovisual, no caso *microsérie*, possibilita uma abordagem diferenciada na criação da atmosfera que ocorrerá na obra ficcional, podendo-se usar a estética visual como alicerce da narrativa. Cada vez mais, no ambiente televisivo, as séries e as *microséries* têm se desenvolvido, propiciando experimentações de linguagem e de estética visual. É comum o telespectador eleger a série que irá acompanhar, podendo se

¹ *Microsérie*: A terminologia *microsérie* foi adotada pela TV Globo, para se referir aos formatos televisuais que
² Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2012/09/croacia-impressiona-pelos-cenarios-que-mudam-cada-olhar.html>. Acesso em: 20/maio/2015

estética visual como alicerce da narrativa. Cada vez mais, no ambiente televisivo, as séries e as microsséries têm se desenvolvido, propiciando experimentações de linguagem e de estética visual. É comum o telespectador eleger a série que irá acompanhar, podendo se organizar no seu dia a dia para assistir, diferentemente das novelas, que necessitam de um acompanhamento diário. Já as microsséries têm início, meio e fim, o que propicia, a quem assiste, o acompanhamento em um curto espaço de tempo, sem ter que destinar longos períodos para ver a trama.

O objeto-chave da microssérie desenvolvida é a fotografia. Desde a sua invenção, a fotografia veio substituir a pintura realista. Famílias registravam momentos; é clássico encontrarmos em antigos álbuns a família reunida na fotografia. Para o desenvolvimento da história a ser apresentada, muitas imagens foram pesquisadas e escolhidas. Essas fotografias têm em sua essência histórias. Histórias desconhecidas. Abre-se, com isso, a possibilidade da ficção apropriar-se dessas imagens e, a partir delas, criarem-se novas histórias. De certa forma, as imagens descartadas pelas famílias ganham um novo significado. Um novo momento.

Este trabalho está dividido em duas partes. Na primeira, é apresentado um ensaio comentado do processo de criação da microssérie, utilizando-se de autores para subsidiar as decisões tomadas para o desenvolvimento do trabalho e na segunda, são apresentados as escaletas e o roteiro dos três capítulos da microssérie.

A microssérie – da ideia ao roteiro

Nesta etapa, será apresentado o processo de criação da microssérie. Não se trata de um passo a passo, mas, sim, reflexões e questionamentos, bem como atitudes tomadas para o desenvolvimento da trama. Nesse processo de criação, serão utilizadas imagens para reforçar a estética a ser trabalhada na microssérie, assim como algumas das fotos que a personagem encontra. Tomei a decisão de narrar esse processo porque todos os pontos da construção do audiovisual estão interligados. Antes da gravação, é natural ocorrerem mudanças de roteiro. Aparar situações. Implementar outras. O desenvolvimento de um audiovisual é orgânico. Desde a sua ideia até mesmo após a gravação esse gênero tem a possibilidade de sofrer alterações.

Muitos trabalhos já tiveram a versão do diretor divulgada, com novas cenas e cortes. É certo que deve haver um caminho; caso contrário, a obra pode perder a ideia central. Por essa questão, apresento o desenvolvimento criativo e, no decorrer do trabalho, as mudanças que aconteceram até o roteiro final. Faço a ressalva de que o "final" é uma forma de expressão, pois o roteiro poderá passar por várias releituras e aprimoramentos para, então, estar pronto para a sua produção.

[A ideia e o título]

Em um passeio a um sebo em Porto Alegre, deparei-me com uma caixa de fotos antigas. Eram centenas. Perguntei para o atendente onde eles haviam conseguido tantas fotos. Ele contou que as famílias lhe vendiam, para que ele, então, revendesse. Achei curiosa a situação, afinal, o desapego era grande dos descendentes. Comprei várias. Saí de lá com um envelope cheio de fotos de pessoas que não faço menor ideia de quem sejam. Seria esse o FIM de um ser humano? Quando, após a morte de uma pessoa e de seus descendentes diretos, as novas gerações não veem sentido em manter aquelas fotos, essa falta de "lembrança" poderia ser considerada o verdadeiro "fim" de uma história de vida? Existe nesse fato um desligamento familiar? Longe de julgar, até porque também não tenho conhecimento de quem eram meus antepassados e, possivelmente, se eu tiver a chance de ver alguma foto, não fará sentido algum para mim. Quando digo sentido, me refiro a algum sentimento ou laço familiar.

Para Sontag (2013), "durante pelo menos um século a foto de casamento foi uma parte da cerimônia tanto quanto as fórmulas verbais prescritas. As câmeras acompanhavam a vida da família". A fotografia é a posse do objeto que é fotografado. Muito mais que uma lembrança, é a exatidão de um determinado momento. Um *frame* "congelado" da vida. É a captura de um momento especial para a posteridade. Sontag (2013) comenta: "não tirar fotos dos filhos, sobretudo quando pequenos, é um sinal de indiferença paterna, assim como não comparecer à foto de formatura é um gesto de rebeldia juvenil".

Muitas das fotografias que comprei eram "sociais": batizados, casamentos, formaturas e primeira comunhão. Fiquei, então, pensando o que poderia resultar dessas imagens. Atrelado a isso, busquei referência de cidades que estão quase desaparecendo. Em algumas viagens que fiz, passei por pequenos vilarejos e sempre ficava pensando: "Por que essas pessoas continuam aqui?" Sempre fico intrigado. Como seria viver em um vilarejo com 20 pessoas? Isso assusta, pois, afinal, sempre fui urbano, mas, assim mesmo, gera uma curiosidade. Unindo as fotos que comprei e as cidades que também são abandonadas, cheguei ao tema da microssérie: o fim de uma cidade. Esse tema tem como objetivo tratar de situações comuns do dia a dia, em uma cidade que tem poucos habitantes, mas que, por exemplo, conserva a figura de um gestor público, o prefeito.

A inspiração das personagens partiu das fotografias que adquiri. Imaginei como elas se comportariam, viveriam e falariam. Poderiam ser outras referências, mas minha proposta é que essas fotos façam parte da narrativa e que, a partir delas, se desenvolvam as ações. Assim, o tema deu subsídio para a definição no título da obra: FIM.

[Storyline]

Como ponto de partida da narrativa torna-se primordial a definição de sua *storyline*. Segundo Rodrigues (2014), "o primeiro elemento da narrativa que importa em qualquer obra é a história que se vai contar, ou seja, a *storyline*". É percebido que uma mesma *storyline* pode dar origem a tramas completamente diferentes, e isso dependerá apenas das variáveis com que o autor irá trabalhar. A partir da formação das personagens, a trama vai adquirindo forma. Pode-se dizer: vida. As decisões que os personagens tomam irão conduzir a obra, mas a mesma não deverá se afastar da *storyline*. Para definir a *storyline*, o conflito principal

deve ficar claramente apresentando: qual é o conflito, qual o resultado dele e como ele será resolvido? A síntese principal da trama deve ser clara e objetiva.

Conforme Rodrigues (2014), a "*storyline* se estabelece com um protagonista, um objetivo do protagonista e um obstáculo entre o personagem e o que deseja alcançar". Ainda sobre o início da história, Field (2009) diz: "Quando você conseguir expressar sua ideia de maneira sucinta c minha história é sobre tal pessoa, em tal lugar, fazendo tal 'coisa' – você estará pronto para dar início ao roteiro". Com isso, surge a *storyline* e, após, o argumento que norteará a concepção dos capítulos da microssérie.

Com base no tema proposto, *memória e desaparecimento em uma cidade com poucos habitantes*, chega-se ao seguinte estudo de *storyline* para o desenvolvimento da microssérie:

A personagem principal, uma artista plástica, chega a uma cidade com apenas oito habitantes. Entretanto, na casa onde ficará hospedada, ela descobre fotos dos moradores que já desapareceram. Movida pela curiosidade, ela busca informações sobre as pessoas das fotos, mas isso a fará também saber os dramas dos poucos moradores que ainda vivem lá e descobrir sua própria história.

Chegar na *storyline* é algo doloroso. Muitos questionamentos surgem: será que está muito restrita? Deve-se descrever por que a personagem narradora irá parar nessa cidade? Como essa personagem irá resolver a situação? Do ponto de vista da concepção, a história tem uma base, um ponto de partida, mas o que ocorrerá e como a trama se desenvolverá, isso pode-se ampliar na sinopse e no argumento. Cabe salientar que a microssérie terá como vocação estar enquadrada dentro do gênero filme de arte, o qual, segundo McKee (2006), "transformou-se em um gênero tradicional, divisível em dois subgêneros: minimalismo e antiestrutura, cada qual com seu complexo de convenções formais de estrutura e cosmologia". Como subgênero, a história se enquadra no drama. Sobre antiestrutura, entende-se, conforme McKee (2006): a coincidência, tempo não linear e realidades inconsistentes, e por minimalismo, final aberto, conflito interno, multiprotagonista e protagonista passivo.

[Sinopse]

Diferentemente da *storyline*, que deve ser sucinta, a sinopse traz informações mais detalhadas das personagens principais, não sendo necessária a profunda descrição dos mesmos, o local onde se passa a história e em que período/tempo se dará a obra. É a expansão do *storyline* em que a trama será descrita com mais detalhes.

Fim é uma microssérie de 3 capítulos, com 25 minutos de duração. O público-alvo está estabelecido a partir de 16 anos e, por se tratar de uma microssérie que trará elementos surreais e fantasia, permeando o gênero filme-arte, a intenção é que seja apresentada em canal fechado. A microssérie trata da chegada de uma artista plástica em uma cidade onde vivem apenas oito pessoas. A artista ficará hospedada em uma das casas, onde descobrirá uma sala com caixas de fotos de outros habitantes que já viveram lá e saíram da cidade ou que morreram. A curiosidade em saber quem são aquelas pessoas a fará buscar informações com os moradores que ainda habitam a cidade. Ao mesmo tempo em que haverá moradores solícitos em contar a história da cidade, existirão aqueles que não gostam da situação e que desconfiam da nova visitante. A microssérie se desenvolverá à medida que a artista também irá revelar quem ela é e por que está na cidade. Durante o tempo que nela permanecer, aproveitará para desenvolver uma obra de arte, que terá um significado muito forte para ela e os habitantes.

A curiosidade da artista a fará questionar situações inusitadas, como, por exemplo, a cidade ter um prefeito para uma cidade de apenas 8 pessoas, assim como a multiplicidade de funções que os habitantes desempenham. A microssérie tem a intenção de questionar: poder, memória de pessoas e o final de uma comunidade. A artista estará em busca de algo, do seu passado, e cada habitante terá um significado na sua procura. O questionamento que percorrerá a história do início ao fim será a reflexão sobre o fim de uma cidade, fazendo com que as fotos que a personagem principal encontra percam seus significados e, então, as pessoas passam a realmente desaparecer.

A cidade onde irá transcorrer a história não terá referência direta com alguma existente atualmente. O tempo em que transcorre a história não passará de dez dias, desde a sua chegada até a finalização da trama. Não será definido em que época acontece a história, afinal, não serão apresentados artigos eletrônicos, proporcionando um isolamento

maior na comunidade. Esse isolamento faz com que determinados personagens tenham desenvolvido algumas psicopatias, agressividades e medos pessoais. A linguagem visual fará uso de representações surrealistas, como a utilização de iluminação com cores diferentes em cada casa que a artista percorrer.

[Argumento]

Para desenvolvimento do argumento, já defini os atos que irão nortear o início, o meio e o fim da história. A partir do tema, estabeleci os elementos mais significativos da história e como os personagens conduzirão a narrativa.

ATO I

Chove. A noite está fria. Um ônibus para em frente à entrada da pequena cidade de Cessares. Anna desce do veículo com duas malas e, sob a chuva fina, caminha pela rua principal. As malas batem no calçamento, quebrando o silêncio. É início da noite, ainda tem luz acesa em poucas casas. Ela para na segunda casa à direita da entrada da cidade, bate na porta, aguarda um momento e quem a recebe é Maria. Anna explica que as duas se falaram há uma semana sobre a possibilidade de ela ficar um período na cidade. Maria diz que lembra e que a esperava mais cedo.

Maria, jovem mulher, convida Anna para entrar e oferece um chá quente com lanche. Na casa de Maria, Anna observa a quantidade de pinturas na parede e questiona o quanto Maria gosta de arte. Maria conta como os quadros foram parar lá, afinal, ela passou a cuidar de todas as obras que estavam nas outras casas. Fez um museu próprio, já que a cidade não tem museu. No decorrer da conversa, enquanto Anna toma o chá, Maria comenta sobre os outros moradores e que a cidade é unida. Anna a escuta atentamente e pergunta qual casa é do senhor Leopoldo, onde ela ficará. Maria explica que elas estão a duas casas uma da outra. Após o chá, Anna agradece e diz que vai descansar.

Anna se dirige à casa onde ficará, força a chave que Maria lhe entregou, empurra a porta e entra na casa. Acende a luz e olha toda a sala. Conforme vai entrando, ela admira

alguns objetos, como uma estátua em ferro de um cavaleiro, os vasos ornamentados, quadros, até que chega no quarto. Ela entra e se atira na cama.

No outro lado da rua, alguém olha pela janela. É Oscar. Oscar é o prefeito, vive com sua mulher, Vilma. Ele também é o dono do armazém. E Vilma, além de primeira-dama, também é a costureira da cidade. Oscar comenta sobre a chegada de uma moça que está na casa de Leopoldo. Vilma também vai ver na janela, e eles observam a silhueta de Anna se arrumando para deitar. A luz apaga.

Amanhece. A cidade está úmida, mas o sol bate nas flores e deixa a cidade com cores intensas. Anna se prepara para sair, mexe em suas malas e pega um casaco. Desce as escadas e abre a porta da sala que dá para a rua. Ela olha a cidade, de um lado a outro. Sai caminhando e chega no armazém. Oscar diz que a viu chegando. Os dois se apresentam e ele diz que é o prefeito. Anna comenta que Maria já tinha contado. Ele questiona o que ela veio fazer em uma cidade que pode ser a menor cidade do mundo, e Anna responde que queria tranquilidade para trabalhar. Enquanto conversa com Oscar, ela faz compras de frutas, pão, leite. Vai separando os produtos e colocando em um cesto. Na saída, Anna paga as compras, e Oscar comenta que nos fundos da casa de Leopoldo eles fizeram um depósito. Tudo que as pessoas não querem, eles colocam nesse espaço. Anteriormente, era o ateliê de uma pintora.

Anna retorna para casa com as compras. Toma seu café. Enquanto isso, Oscar comenta com o vizinho Floriano que a cidade tem uma nova moradora. Ainda mastigando um biscoito, Anna levanta e vai até a porta da cozinha e observa a sala nos fundos. Toda envidraçada. Ela caminha em direção à porta, abre e entra na sala. Há muitas caixas empilhadas. Acende a luz, caminha entre as pilhas empoeiradas. Roupas, brinquedos, pincéis, livros espalhados em cima das caixas. Anna se vira e esbarra em uma caixa e esta cai em seus pés. Cai no chão a caixa com vários envelopes com fotos em preto e branco. Ela recolhe as fotos e as coloca novamente na caixa. Retorna para a casa com a caixa de fotos, coloca na mesa da cozinha e as retira de dentro da mesma. Anna verifica que existem nomes atrás das fotos e vai dizendo em voz alta esses nomes.

ATO II

Maria chega à casa de Anna e bate na porta, Anna pede que ela entre. Maria indaga se ela passou bem a noite e se estava tudo em ordem na casa. Anna responde que

descansou bem e mostra para Maria o que encontrou. Maria diz que são as fotos dos antigos moradores e que o prefeito, além de exercer esse pseudocargo público e de dono de armazém, também é um síndico das casas. Anna pergunta quem são as pessoas de algumas fotos. Maria diz que reconhece algumas e outras não.

Anna questiona, por exemplo, uma foto em que aparecem duas crianças abraçadas. Maria conta que são os filhos de Amalia, que saíram da cidade e nunca mais foram vistos. Anna pergunta se Amalia continua na cidade, e Maria diz que sim e que Anna não deveria visitá-la. Com o passar dos anos, ela desenvolveu algumas fobias e que ninguém visita Amalia com receio que ela seja agressiva. Maria diz que vai separar as fotos e que quer conhecer os outros habitantes. Batem na porta. Anna atende: é Tércia e sua filha Clara. Elas procuram por Maria, afinal, além de dona de uma pequena farmácia, ela também é assistente de Oscar. Tércia precisa de um remédio. Anna pede que as duas entrem, a menina Clara vai até a mesa cheia de fotos e questiona quem são. Anna diz que ela não sabe, mas que irá descobrir. Tércia e Maria saem, mas Clara pede para ficar.

Clara tem 9 anos, menina crítica e curiosa, sonha em ser escritora. Anna esboça um início de conversa, mas é interrompida pela menina. Enquanto isso, Tércia pergunta para Maria de onde conhecia Anna e o real motivo da vinda dela na cidade de Cessares. Maria diz apenas que Anna entrou em contato dizendo que queria passar alguns dias na cidade para poder produzir e descansar.

Oscar conversa com Vilma sobre a intenção de fazer uma reunião com toda a comunidade para apresentar formalmente a nova visitante. Acredita que isso possa gerar turismo.

Anna e Clara organizam as fotos. Tiram todas dos envelopes e fazem pequenos montes. Anna diz para Clara ir na casa de cada morador para conhecer e se apresentar.

ANNA VISITA OSCAR

Anna chega à casa de Oscar e este a convida para entrar. Vilma se apresenta. Anna fica surpresa com a quantidade de medalhas e troféus que Oscar tem. Ele conta que, como prefeito, já conquistou muitas honrarias. Anna, enquanto conversa com o casal e o questiona pelo fato de ser prefeito de apenas 7 pessoas, mostra as fotos e, dentre elas, a de um casal. Vilma e Oscar ficam ansiosos e não entendem o porquê das fotos. Mesmo assim, Anna insiste e mostra outras fotos. Oscar e Vilma dizem quem são as pessoas das fotos e

por que saíram da cidade. Após a conversa, Anna agradece a recepção do casal e vai embora. Oscar e Vilma a observam pela janela e conversam sobre a situação.

ATO III

ANNA VISITA FLORIANO

Anna encontra Floriano na rua. A casa de Floriano é impecavelmente florida. Eles se apresentam e ela diz que está conhecendo as pessoas da cidade e que também encontrou várias fotos na sua casa. Mostra para Floriano várias delas. Ele para em especial em uma em que ele está jovem e com seus pais. Enquanto vê as fotos, Floriano, que é médico, conta que aquelas pessoas, na grande maioria, foram seus pacientes. Anna indaga por que a cidade ficou vazia e por que a grande maioria saiu de lá. Ele conta que alguns faleceram, não tinham herdeiros, e os poucos que tiveram filhos não quiseram ficar. Floriano comenta que alguns acontecimentos fizeram com que as pessoas desistissem da cidade. Após a conversa, Anna se despede e caminha em direção à casa de Tércia.

ANNA VISITA TÉRCIA

Na casa de Tércia, a menina Clara a convida para entrar e mostra seus cadernos de anotações. Logo Tércia chega e Anna explica sua visita. Pede ajuda para identificar algumas pessoas das fotos. Elas vão para a cozinha, pois Tércia diz que irá passar café. Quanto às fotos, Tércia afirma que no passado não se deve mexer e que as fotos estão lá por um motivo: esquecimento. Anna insiste e mostra a foto de um menino. Tércia responde que era seu filho que morreu. Mais velho que Clara. Anna pede desculpas e mostra outras fotos. Dentre essas, aparecem as do casamento de Tércia. Ela conta como ficou sozinha e o que aconteceu com seu filho. Anna vê o quanto Tércia lava as mãos com força na pia e pergunta se está tudo bem. Tércia pede que ela a deixe só. Quando Anna sai, observa vários armários cheios de medicamentos que estão à sua volta.

ANNA ENCONTRA VALTER NA RUA

Anna, caminhando ansiosa, quase chorando, esbarra com Valter perto da casa dela. Ele pergunta se pode ajudar. Ela diz que sim. Convida-o para entrar. Ele fica pensativo e

aceita. Na sala, ele vê as fotos todas empilhadas e indaga o que está acontecendo. Anna responde que está conhecendo todos os habitantes e que gostaria que ele a auxiliasse para identificar algumas pessoas. Então, ela mostra a foto de dois homens caminhando na rua. Valter começa a rir e diz que um desses homens é ele mais novo. E que não lembrava da foto. Anna mostra outras imagens e ele fala de um caso grave que aconteceu na cidade, de uma morte estranha. Uma mulher foi encontrada morta no lago, próximo da cidade. Anna pergunta como foi o acidente. Em flashback, ele conta detalhadamente quem era a mulher que foi morta. Ele menciona também os distúrbios de Amalia e quando estes se iniciaram.

ANNA RETORNA PARA CASA

Já em casa, Anna começa a produzir algumas gravuras. Em cima de imagens de pessoas, ela faz intervenções nas fotos. Risca. Risca com força. Pinta. Sobrepõe fotos. Tudo com muita agilidade e sem critérios. Muito tempo depois, ela já produziu várias folhas. Fotos por todos os lados. Ela escuta um barulho na cozinha e vai ver quem é, só vê um vulto caminhando rápido.

Na manhã seguinte, Anna está na cozinha preparando o café. Pega uma agenda e folheia. Batem na porta.

ANNA VISITA AMALIA

Anna abre a porta e é Amalia. Amalia, enfurecida, grita que sabe o que ela quer na cidade, e Anna olha para os lados para ver se alguém está olhando. Anna pede calma e Amalia entra na sala. Amalia diz que sabe que ela é filha de Anita e Leopoldo. Que Anita, mãe de Anna, era obcecada por seu trabalho e que isso a levou à morte. Anna nega que seja filha de Anita, mas fica muito nervosa.

Amalia conta que Anita envolvia os homens da cidade de forma sórdida e que Leopoldo fez o que deveria fazer. Anna questiona o que ela quer dizer. Amalia diz que não é para Anna pisar em sua casa.

Anna fica desorientada. Logo após, batem na porta, é Clara que ouviu os gritos e queria saber se estava tudo bem. Anna diz que sim e pede que Clara entre. Na conversa, Anna descobre que a mãe de Maria era alguém da cidade e que morreu. Anna diz que está cansada e pede que Clara vá embora.

Floriano e Oscar conversam sobre o encontro e eles combinam para noite um jantar na casa de Oscar. Floriano passa na casa de Anna e a convida. Anna confirma a presença.

No meio da tarde, Anna mexe nas fotos às pressas. Arruma a mala.

Valter passa na casa de Anna e lhe diz que todos estarão na casa de Oscar. Logo que ele sai, Anna escuta novamente um barulho na porta dos fundos. Ela caminha calmamente, sai e olha para o ateliê. Atravessa o pátio e chega no ateliê. Quando entra, escuta mais barulho. Se vira e se assusta, é Clara. Clara comenta que ficou curiosa com as fotos. Anna vê que as caixas foram mexidas. Estão rasgadas e lembra que na noite passada viu um vulto.

Clara e Anna entram na casa. Anna pergunta como está Tércia, e Clara responde que ela está sempre lavando as mãos e chorando. Após uma longa conversa, em que mais Clara questiona, a menina vai embora. Termina o dia e Anna vai para a casa de Oscar.

Na chegada, Vilma a recebe e dá as boas-vindas. Eles observam Anna em todos movimentos. Maria fica ao seu lado. Clara permanece sentada na poltrona escrevendo. Passa a noite, eles jantam e, então, voltam para a sala. O clima já está mais descontraído. Quando Clara derruba seu caderno de anotações, a foto que ela roubou da casa de Anna cai. Floriano a vê e pega. De repente, ele olha para Anna e diz: você é filha de Leopoldo e Anita.

Todos param, e Anna se sente perdida. A porta bate com força, é Amalia. A mulher entra na casa e diz: “Vocês sabem quem é ela? Filha daquela mulher. Aquela que envolveu o marido de Tércia, o seu marido, Vilma, a mãe de Maria e Anna.” Anna levanta da poltrona e tenta sair, mas é contida por Amalia. Amalia então revela que Anita era sedutora e que levava os homens para a casa dela e, não satisfeita, seduzia as mulheres. Inclusive ela. Revela que Anita foi morta por ela. Todos ficam assustados. Amalia alterna entre a raiva e o desabafo. Ela criou Maria para tentar receber perdão e para que ninguém desconfiasse dela. Agora não fazia mais sentido. Floriano e Valter a retiram da sala. Anna olha para todos e sai. A noite passa.

No dia seguinte, os moradores saem para rua e, quando percebem, em todas as casas estão as fotos nas portas. As fotos dos respectivos moradores, em suas casas. Maria bate na porta de Anna, ninguém atende. Valter passa com Amalia de carro. Amalia está com a cabeça baixa.

[Direção de arte e cidade imaginária]

As produções audiovisuais têm explorado a direção de arte como expressão da obra encenada, produções brasileiras como *Capitu*³, *A Pedra do Reino*⁴, *Hoje é Dia de Maria*⁵ e *Suburbia*⁶ fizeram uso da estética como aliada na construção da narrativa. A definição estética na trama contribui para a formação do espaço imaginário em que as personagens irão transitar. Com isso, a direção de arte tem suma importância para ambientar e criar visualmente a atmosfera da produção. A narradora da história é uma menina de 10 anos, então era necessário projetar como seria sua visão desses cenários, dos ambientes que seus personagens vivem. Existe uma mistura da fantasia e de lúdico. Cabe salientar que não é uma visão infantilizada e, sim, são detalhes que extravasam a realidade. Esses detalhes que são apresentados indicam que a história tem algo incomum. O uso de cores, sobreposição de objetos e a repetição de situações sugerem como se os espaços deveriam ser totalmente preenchidos, o dito pensamento infantil de preencher completamente uma folha de papel com desenho e o uso de cores definidas e únicas. Assim, a direção de arte torna-se um dos pilares para a produção, conforme Barnwell (2013, p. 112): “O designer de produção tem todo o espectro de cores para escolher, suas escolhas podem influenciar como o público vivencia o clima, a atmosfera e a emoção em uma cena”.

A intenção desse olhar inusitado é propor ao espectador a criação de um universo diegético verossímil. Através da percepção visual, esse universo passa a ser reconhecido, afinal, serão usados códigos já familiares do espectador, mas estes serão saturados, buscando-se um estranhamento.

Assim, a percepção visual é o processamento, em etapas sucessivas, de uma informação que nos chega por intermédio da luz que entra em nossos olhos. Como toda informação, esta é codificada – em um sentido que não é o da semiologia: os códigos são, aqui, regras de transformação naturais (nem arbitrárias, nem convencionais) que determinam a atividade nervosa em função da formação contida na luz. Falar de codificação de informação visual significa, pois, que nosso sistema visual é capaz de localizar e de interpretar certas regularidades nos fenômenos luminosos que atingem nossos olhos. (AUMONT, 1993, p. 22).

As cores utilizadas nos ambientes irão dar a "temperatura" e a emoção de cada personagem. Claro que isso não será o definidor, uma vez que existe a linguagem verbal

³ *Capitu* – minissérie produzida pela Rede Globo em 2008, dirigida por Luiz Fernando Carvalho.

⁴ *A Pedra do Reino* – minissérie produzida pela Rede Globo em 2007, dirigida por Luiz Fernando Carvalho.

⁵ *Hoje é Dia de Maria* – minissérie produzida pela Rede Globo em 2005, dirigida por Luiz Fernando Carvalho.

⁶ *Suburbia* – minissérie produzida pela Rede Globo em 2012, dirigida por Luiz Fernando Carvalho.

que dará o tom de cada cena, mas, visualmente isso, corrobora para intrigar se aquelas cenas são realidade ou sonhos. Cada ambiente terá uma cor predominante, assim como uma iluminação que contrapõe as cores da cena. Para tanto, foram definidas as cores primárias e secundárias: azul, magenta, amarelo, vermelho, verde e violeta. Essa paleta de cores está diretamente ligada ao universo infantil.

Durante o desenvolvimento do roteiro, percebi que projetava a casa *frame* visualmente, foi como eu mergulhasse na cena e estivesse presente assistindo a cada gesto e cada detalhe da cenografia. Esse universo da fantasia não é recente, há muito tempo no cinema outros diretores já faziam uso da linguagem visual para transpor emoções.

Todos meus filmes podem admitir-se filmados em preto e branco, menos *Gritos e sussurros*. No roteiro está mencionado que imagino a cor vermelha como sendo o interior da alma. Quando era criança, via a alma como se fosse a sombra de um dragão, de um cinzento-azulado, pairando sobre nós sob a forma de um ser alado, meio ave meio peixe. Mas tudo dentro desse dragão era vermelho. (BERGMAN, 2010, p. 90).

Já a cidade será a representação de um pequeno vilarejo. O nome da cidade ficcional foi inspirado em uma República na encosta ocidental dos Andes. Segundo Manguel e Guadalupe (2003), "o país é cercado de montanhas em três lados e o quarto é cortado por um rio. Essa república foi fundada no século XVII por um grupo de 150 famílias holandesas, sob a liderança de um certo Alphen, seu primeiro governador". Como inspiração visual, serve a cidadela do Castelo de Edimburgo, com suas construções de pedras, janelas pequenas e aspecto de abandono. Essa cidade imaginária possui apenas uma única tecnologia: a luz. Não possui carros nas ruas, e nos ambientes internos não haverá aparelhos eletrônicos, telefônicos nem qualquer item que remeta a qualquer tecnologia. A intenção é tornar a narrativa atemporal.

Nesse ambiente, as personagens irão constituir uma interação entre elas. Essa movimentação dará a dramaticidade necessária para o espectador imaginar como seria viver em uma cidade com apenas oito habitantes. A cidade estará praticamente deserta e fará com que o sentimento de solidão se reforce.

O espaço fílmico não é apenas um quadro, da mesma forma que as imagens não são apenas representações em duas dimensões: ele é um espaço vivo, em nada independente de seu conteúdo, intimamente ligado às personagens que nele

evoluem. Tem um valor dramático ou psicológico, uma significação simbólica; tem também um valor figurativo e plástico e um considerável caráter estético (BETTON, 1987, p. 29.)

Outro ponto a ser considerado na cidade imaginária, é o fato das casas serem próximas, afinal, no decorrer do roteiro, fica claro que as personagens irão transitar rapidamente entre uma casa e outra. Pode-se, digamos, estabelecer que os poucos que ficaram optaram por viver muito próximos. Um outro ainda a ser levado em conta é o lago que tem na cidade, que aparece poucas vezes, mas que será chave para as principais situações.

Figura 01 – Referência à cidade e ao lago.



[Descrição dos personagens]

Para a construção das personagens, foi também criado o ambiente em que elas vivem e se movimentam. Cabe salientar que existem dois conceitos que devem ficar claros: personagem e caracterização. Conforme McKee (2006), "caracterização é a soma de todas as qualidades observáveis de um ser humano, tudo o que pode ser descoberto através de um escrutínio cuidadoso: idade, sexo, opção de casa, vestimenta, educação, trabalho, personalidade, valores e atitudes". Já personagem "é revelado nas escolhas que um ser humano faz sob pressão – quanto maior a pressão, maior a revelação e mais verdadeira a escolha para a natureza essencial do personagem".

Com isso, construí a descrição da caracterização das personagens dando direcionamento quanto ao seu biotipo e o ambiente em que estas irão circular. Para a caracterização da estética das personagens, utilizei as fotos que deram partida à criação da narrativa.

Field (2009) diz que "Personagens são a base essencial da estrutura interna do roteiro. São a pedra angular, o coração, a alma e o sistema nervoso do roteiro. Antes mesmo de pôr uma palavra sequer no papel, você precisa conhecer bem seu personagem.

Foram utilizadas imagens para subsidiar a visualização da cenografia. Entretanto, não podem ser seguidas literalmente, apenas para referencial. Quando iniciei a história, busquei pesquisar imagens que pudesse me apropriar visualmente para, então, transpor para o roteiro. Foram inspirações, mas tenho o hábito de iniciar a escrita de contos, por exemplo, com uma pesquisa visual. Acredito que seja pela minha origem na publicidade e no design que o início da construção da narrativa sempre é visual.

Cabe salientar que o biotipo das personagens foi captado das fotografias que comprei, mas não serve de referência de figurino.

Anna – Artista plástica, ela irá passar alguns dias na cidade de Cessares. Lá, descobre um diário e a partir deste objeto irá recriar uma história. Tem cerca de 25 anos. Veste-se de maneira descontraída. Forte, pele clara, olhos escuros, cabelos curtos pretos. Fisicamente, muito parecida com sua mãe, Anita. A casa onde ficará é toda em tons azuis, e a luz que passa pelas janelas terá um tom amarelo. No ateliê, as paredes serão brancas, e as cores da iluminação terão as cores primárias e secundárias.

Figura 02 - Referência à personagem Anna e atelier.



Maria – Dona da farmácia da cidade, é uma colecionadora de arte. Saiu da cidade e retornou antes de Anna. Elas são irmãs, mas ninguém sabe. Retornaram para a terra natal para saber o que aconteceu com a mãe. Agradável com todos, tem em torno de 26 anos, mas parece mais velha pela forma de se vestir. Sua casa tem tons amarelos, iluminada por um luz azulada, é abarrotada de quadros e obras de arte que recolhe das casas que estão fechadas.

Figura 03 - Referência à personagem Maria e sua casa.



Oscar – Prefeito e dono do armazém, tem 60 anos. Casado com Vilma. É alto. Político, trata todos com muita amizade. Vai procurar ser muito agradável com Anna desde o primeiro dia. Sua casa é cheia de medalhas e troféus. Um ambiente austero, com predominância na cor vermelha, a luz que passa pela janela é amarela. Essa combinação faz com que o ambiente fique denso. Ostenta ser o mais premiado político. Na verdade, ele mesmo se dá as medalhas, diz para todos que é o prefeito há mais tempo no poder. Acredita que possui grande autoridade, sendo que, de fato, todos o consideram apenas um mero habitante.

Vilma – Primeira-dama, do lar, tem cerca de 55 anos, desconfiada. Veste-se impecavelmente e de forma clássica. Nervosa, não gosta de falar do passado. Toca violino todas as manhãs. Um tanto fria no falar, mantém um certo distanciamento.

Figura 04 - Referência às personagens Oscar e Vilma e sua casa.



Floriano – Médico e jardineiro da cidade. Seu jardim com cores fortes é impecável. Homem mediano, cabelos pretos, sem barba e bigode. Tem 55 anos, mas parece mais jovem. Foi o médico de toda a cidade.

Figura 05 - Referência ao personagem Floriano e às flores que tem em sua casa.



Amalia – Atriz. Tem 58 anos. Costuma encenar sozinha. Fica afastada de todos os habitantes da cidade, não gosta de contato com outras pessoas. Era apaixonada por Anita. Toda sua casa tem cor violeta com a luz externa azul. Apaixonada por Hilda Hilst, em alguns momentos responde questões encenando poemas da autora.

Figura 06 - Referência à personagem Amália e sua casa.



Tércia – Hipocondríaca, tem 50 anos e é mãe de Clara. Passa o tempo todo em casa, supervisiona a filha todo momento. Quando sai, é para buscar mais remédios. Tem TOC de se sentir suja e lava as mãos sempre que se sente pressionada. Seu marido foi embora depois que perdeu o filho. A casa de Tércia, por ser onde a menina Clara mora, é branca com as luzes externas que entram pela janela nas cores primárias e secundárias. Os medicamentos seguem o mesmo padrão de cores.

Figura 07 - Referência à personagem Tércia e aos medicamentos



Clara – Curiosa, futura escritora, anota tudo em seu diário. Questiona Anna em vários momentos e, com base nas fotos, recria as situações que aconteceram. Tem 10 anos de idade, é a única criança da cidade. Escreve compulsivamente. Sua escrivaninha é o local onde mais fica. As paredes são brancas com iluminação nas cores primárias e secundárias.

Figura 08 - Referência à personagem Clara e ao quarto/escrivaninha.



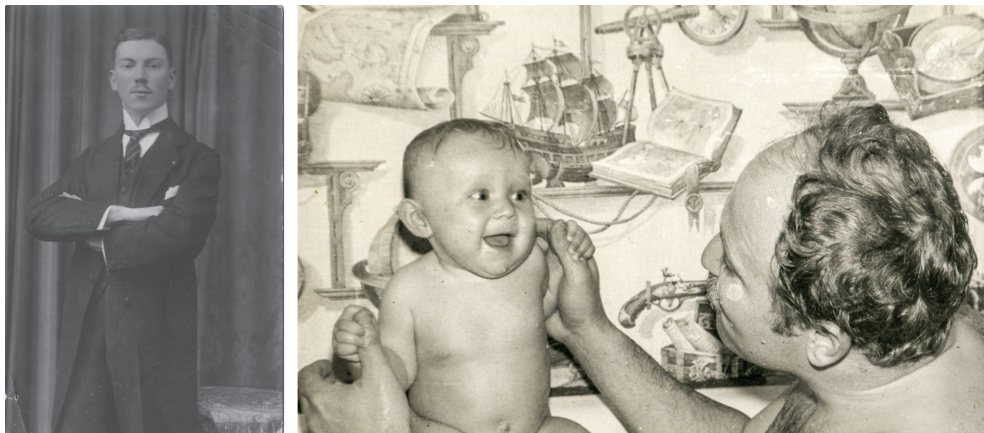
Valter – Sujeito grosseiro, é o secretário da Segurança da cidade. Passa o dia andando. Como não tem muito a fazer, busca os produtos que são vendidos no armazém de Oscar.

Figura 09 - Referência ao personagem Valter



Leopoldo – Dono da casa onde Anna está hospedada. Pai de Anna e Maria, mas os moradores não sabem dessa ligação. Ele não aparece na história, apenas é uma referência estética para composição.

Figura 10 - Referência ao personagem Leopoldo



ESCALETA CAPÍTULO 01

ATO I

SEQUÊNCIA 1 – O PASSADO

CENA 1 – PASSOS DE HOMEM NO CHÃO, PESSOA GRITANDO, UMA CRIANÇA RESMUNGA, CHORA.

SEQUÊNCIA 2: A CHEGADA

CENA 2 – PRIMEIROS PASSOS NA CIDADE – EXT – NOITE

Uma rua, chove forte. Distantes, os faróis de um ônibus se aproximam. Quando chega na entrada da cidade, o ônibus para. Desce uma mulher com uma mochila e uma mala grande. O motorista ajuda a descer a mala.

CENA 3 – RUA PRINCIPAL DA CIDADE – EXT – NOITE

Anna caminha na rua. As luzes estão acesas nas casas. Sua mala bate no calçamento de pedras da rua. Caminha alguns metros e chega em frente a uma casa. Sobe dois degraus e bate na porta.

SEQUÊNCIA 3: MARIA RECEBE ANNA

CENA 4 – CASA DE MARIA – INT – NOITE

Anna e Maria se apresentam. Anna entra na casa de Maria, esta a ajuda com o casaco. Oferece um chá. As duas iniciam a conversa.

CENA 5 – SALA DE MARIA – INT – NOITE

Anna comenta a quantidade de quadros que Maria tem em sua casa. Maria explica que a cidade foi ficando abandonada, e muitos ex-moradores não tinham família ou deram-lhe liberdade para pegar os quadros. Ela considera a casa o museu da cidade. A arte é algo muito forte para ela. Maria conta quem são os moradores que ficaram na cidade. Anna diz que ficará por pouco tempo, apenas para resolver uma obra que iniciou há muitos anos.

CENA 6 – COZINHA DE MARIA – INT – NOITE

Maria recolhe a mesa. Coloca xícaras e pratos dentro da pia. Anna pergunta sobre Leopoldo, quem era e qual é a casa dele. Maria explica onde fica.

CENA 7 – ANNA OLHA OS QUADROS DE MARIA – INT – NOITE

Maria diz para Anna ir para a sala, pois não é para ela se preocupar com a louça. Anna vai até a sala e chega perto dos quadros.

CENA 8 – ANNA E AS PINTURAS – INT – NOITE

Passa suavemente a mão nas molduras de alguns quadros. Em um deles, ela para e coloca a mão no quadro e logo após na boca. Esse quadro tem uma mulher, sentada, seminua. Maria retorna da cozinha, Anna se assusta e muda de local na sala. Anna diz que precisa ir embora, pois está cansada.

CENA 9 – SAÍDA DA CASA DE MARIA – INT/EXT – NOITE

Maria indica para Anna qual é a casa e entrega as chaves. Anna se dirige à casa de Leopoldo.

SEQUÊNCIA 4: ANNA RECONHECE A CASA DE LEOPOLDO**CENA 10 – ENTRADA DA CASA DE LEOPOLDO – INT – NOITE**

Anna entra na casa, acende a luz e olha para a casa cuidadosamente. Conforme vai entrando, ela admira alguns objetos, como uma estátua em ferro de um cavaleiro, os vasos ornamentados, quadros, até que chega no quarto.

CENA 11 – QUARTO DA CASA DE LEOPOLDO – INT – NOITE

Ela entra no quarto, sorri e se atira na cama. Pula em cima da cama e volta a se deitar.

SEQUENCIA 5: A NOVA VIZINHA CHEGOU**CENA 12 – VISTA DA CASA DE OSCAR EXT – NOITE**

No outro lado da rua, uma pessoa atrás da cortina olha pela janela.

CENA 13 – OSCAR E VILMA COMENTAM A CHEGADA DA VIZINHA EXT/INT NOITE

Oscar comenta com Vilma que viu uma mulher entrando na casa de Leopoldo. Por sua vez, Vilma diz que Maria já havia comentado da visitante e que seria por um breve espaço de tempo. Vilma também vai ver na janela, e eles observam a silhueta de Anna se arrumando para deitar. A luz da casa de Anna apaga.

SEQUÊNCIA 6: PRIMEIRO DIA**CENA 14 – O DIA ESTÁ ENSOLARADO. AS CASAS ESTÃO ÚMIDAS APÓS A NOITE DE CHUVA – EXT – DIA****CENA 15 – QUARTO DE ANNA – INT – DIA**

Anna sai do banheiro com uma toalha, se arruma, mexe na mala e retira um casado. Desce as escadas, abre a porta e para para olhar a rua.

CENA 16 – NA RUA PRINCIPAL DA CIDADE – EXT – DIA

Anna caminha, olhando as casas, não muito rápido. Chega a um armazém e entra.

CENA 17 – INTERIOR DO ARMAZÉM DE OSCAR – INT – DIA

Oscar se apresenta como dono do armazém e prefeito da cidade. Anna diz já ter conhecimento e que achou curioso o fato. Ele questiona o que Anna faz e por que veio para uma cidade que pode ser a menor cidade do mundo. Ela responde que queria tranquilidade e que veio terminar uma obra. Enquanto conversa com Oscar, ela faz compras de frutas, pão, leite. Vai separando os produtos e colocando em um cesto. Na saída, Anna paga as compras, e Oscar comenta que nos fundos da casa de Leopoldo eles fizeram um depósito. Tudo que as pessoas não querem, eles colocam nesse espaço. Anteriormente, era o ateliê de uma pintora.

CENA 18 – INTERIOR CASA ANNA – INT – DIA

Anna retorna para casa com as compras. Toma seu café.

CENA 19 – INTERIOR ARMAZÉM OSCAR – INT – DIA

Oscar comenta com Floriano que a cidade tem uma nova moradora. Floriano pergunta quem é ela. Na saída, Floriano caminha olhando para a casa de Anna.

CENA 20 – INTERIOR CASA ANNA – INT – DIA

Ainda mastigando um biscoito, Anna levanta e vai até a porta da cozinha e observa a sala nos fundos.

CENA 21 –ATELIÊ – EXT/INT – DIA

Uma sala toda envidraçada. Anna caminha em direção à porta, abre e entra na sala. Há muitas caixas empilhadas. Acende a luz, caminha entre as pilhas empoeiradas. Roupas, brinquedos, pincéis, livros espalhados em cima das caixas. Anna se vira e esbarra em uma caixa e esta cai em seus pés. A que caiu contém vários envelopes com fotos em preto e branco. Anna recolhe as fotos e as coloca novamente na caixa.

CENA 22 – COZINHA CASA ANNA – INT – DIA

Anna entra na casa com a caixa de fotos, coloca na mesa da cozinha e as retira de dentro da mesma. Ela verifica que existem nomes atrás das fotos e vai dizendo em voz alta esses nomes. Ela vai colocando as fotos na mesa, atirando umas sobre as outras.

Batem na porta.

Fim Primeiro Capítulo.

ESCALETA CAPÍTULO 2

SEQUÊNCIA 1: VISITA À CASA DE MARIA

CENA 1 – RUA DA CIDADE – EXT – DIA

Batem na porta, Anna atende. É Maria.

CENA 2 – RUA DA CIDADE/SALA DA CASA DE ANNA – EXT/INT – DIA

Anna pede que ela entre. Maria questiona se ela passou bem a noite e se estava tudo em ordem na casa. Anna se dirige para a cozinha e Maria a acompanha. Anna comenta que descansou bem e mostra para Maria o que encontrou. Mostra as fotos.

CENA 3 – COZINHA DA CASA DE ANNA – INT – DIA

Maria diz que são as fotos dos antigos moradores e que o prefeito, além de exercer esse pseudocargo público e de dono de armazém, também é um síndico das casas. Anna lembra que já foi apresentada a ele. Anna pergunta quem são as pessoas de algumas fotos. Maria diz que reconhece algumas e outras não.

Anna questiona, por exemplo, uma foto em que aparecem duas crianças abraçadas. Maria conta que são os filhos de Amalia, que saíram da cidade e nunca mais foram vistos. Anna pergunta se Amalia continua na cidade, e Maria diz que sim e que Anna não deveria visitá-la. Com o passar dos anos, ela desenvolveu algumas fobias e que ninguém visita Amalia com receio que ela seja agressiva. Maria diz que vai separar as fotos e que quer conhecer os outros habitantes.

CENA 4 – SALA DA CASA DE ANNA – INT – DIA

Batem na porta. Anna atende, é Tércia e sua filha Clara. Elas procuram por Maria. Tércia precisa de um remédio. Anna pede que as duas entrem, a menina Clara vai até a mesa cheia de fotos e indaga quem são. Anna diz que ela não sabe, mas que irá descobrir. Tércia e Maria saem, mas Clara pede para ficar.

CENA 5 – COZINHA DA CASA DE ANNA – INT – DIA

Clara tem 9 anos, fala sem parar. Enche de perguntas Anna. Anna esboça um início de conversa, mas é interrompida pela menina.

SEQUÊNCIA 2: OS VIZINHOS

CENA 6 – RUA DA CIDADE – EXT – DIA

Tércia pergunta para Maria de onde conhecia Anna e o real motivo da vinda dela para a cidade de Cessaes. Maria responde apenas que Anna entrou em contato dizendo que queria passar alguns dias na cidade para poder produzir e descansar. As duas chegam à farmácia e entram.

CENA 7 – ARMAZÉM DE OSCAR – INT – DIA

Vilma e Oscar estão arrumando alguns itens e Oscar comenta com Vilma sobre a intenção de fazer uma reunião com toda a comunidade para apresentar formalmente a nova visitante. Acredita que isso possa gerar turismo, afinal, a nova visitante pode sugerir novas visitas.

SEQUÊNCIA 3: ANNA CONHECE CLARA

CENA 8 – COZINHA DA CASA DE ANNA – INT - DIA

Anna e Clara organizam as fotos. Tiram todas dos envelopes e fazem pequenos montes. Clara diz que quer ser escritora, e Anna pergunta o que ela escreve. Clara responde que está escrevendo um romance.

CENA 9 – COZINHA DA CASA DE ANNA – INT - DIA

Enquanto Anna sai momentaneamente, a menina pega uma foto e coloca em seu caderno. Anna diz para Clara que vai na casa de cada morador para conhecer e se apresentar. As duas saem da casa juntas. Clara diz que quer voltar.

SEQUÊNCIA 4: VISITA DE ANNA NA CASA DE OSCAR

CENA 10 – ENTRADA DA CASA DE OSCAR – EXT/INT – ANOITECENDO

Anna chega à casa de Oscar e este a convida para entrar. Vilma se apresenta.

CENA 11 – SALA DA CASA DE OSCAR – INT – ANOITECENDO

Anna olha para a sala de Oscar e fica surpresa com a quantidade de medalhas e troféus que Oscar tem. Ele conta que, como prefeito, já conquistou muitas honrarias. Anna é convidada para um chá e ela aceita. Vilma sai da sala.

Anna conversa com Oscar e o questiona pelo fato de ser prefeito de apenas 7 pessoas. Ele explica que nunca ocorreram eleições, porque a cidade é tão pequena que não teria como. Oscar olha para o corpo de Anna. Ela se sente desconfortável. Levanta. Oscar quer mais detalhes da vinda de Anna para a cidade. Ela responde fugindo do assunto. Vilma retorna com xícaras e o chá.

Anna, então, mostra as fotos e, dentre elas, a de um casal. Vilma e Oscar ficam ansiosos e não entendem o porquê das fotos. Mesmo assim, Anna insiste e mostra outras fotos. Oscar e Vilma dizem quem são as pessoas das fotos e por que saíram da cidade.

CENA 12 – SALA DA CASA DE OSCAR – INT/EXT – NOITE

Anna agradece na porta a recepção do casal e vai embora.

CENA 13 – SALA DA CASA DE OSCAR – INT – NOITE

Oscar e Vilma a observam pela janela e conversam sobre a situação.

CENA 14 – SALA DA CASA DE ANNA – INT - NOITE

Anna chega em casa. Fecha a porta. Segura a porta com as duas mãos e respira fundo.

CENA 15 – SALA DA CASA DE ANNA – INT - NOITE

Anna pega as fotos e sobe para o quarto.

CENA 16 – QUARTO DE ANNA – INT - NOITE

Anna, com todas as fotos atiradas na cama, pega sua agenda, tira uma foto, coloca em seu rosto e parece triste. Ela escuta um grito de mulher.

Fim do Segundo Capítulo

ESCALETA CAPÍTULO 3

SEQUÊNCIA 1: MARIA VISITA FLORIANO

CENA 1 – RUA DA CIDADE – EXT – DIA

Anna encontra Floriano na rua. Floriano se apresenta e convida Anna para entrar em casa. Anna agradece. Eles conversam na rua. Ela comenta que está conhecendo as pessoas da cidade e que também encontrou várias fotos na sua casa. Começam a caminhar lentamente.

CENA 2 – RUA DA CIDADE – EXT – DIA

Anna mostra as fotos para Floriano. Ele para em especial em uma em que ele está jovem e com seus pais. Enquanto vê as fotos, Floriano conta que aquelas pessoas, na grande maioria, foram seus pacientes.

CENA 3 – RUA DA CIDADE – EXT – DIA

Floriano e Anna encontram Maria na rua. Maria cumprimenta os dois e pergunta se eles escutaram os gritos. Anna disse que sim. Maria comenta que foi Amália e que algumas vezes ela faz isso.

Anna indaga por que a cidade ficou vazia e por que a grande maioria saiu de lá. Floriano conta que alguns faleceram, não tinham herdeiros e os poucos que tiveram filhos não quiseram ficar.

Floriano pergunta para Anna o motivo da curiosidade. Anna responde que se surpreende pelo fato de só ter 8 pessoas em uma cidade, e por que os que ficaram nunca pensaram em ir embora. Maria comenta que não tinha família e que foi criada por Amália.

Floriano afirma que alguns acontecimentos fizeram com que as pessoas desistissem da cidade.

CENA 4 – RUA DA CIDADE – EXT – DIA

Após a conversa, Anna se despede e caminha em direção à casa de Tércia.

SEQUÊNCIA 2: ANNA VISITA TÉRCIA

CENA 5 – RUA DA CIDADE/CASA DE TÉRCIA – EXT/INT – DIA

Anna bate na porta e Clara atende. A menina convida Anna para entrar e mostra seus cadernos de anotações.

CENA 6 – SALA DE TÉRCIA – INT – DIA

Logo, Tércia chega e Anna pede desculpas pelo atrevimento da visita.

Tércia a tranquiliza. Enquanto isso, Clara escreve e fica observando as duas.

Anna, então, tira algumas fotos da sua bolsa e mostra para Tércia. Pede ajuda para identificar as pessoas das fotos.

CENA 7 – COZINHA DE TÉRCIA – INT – DIA

Elas vão para a cozinha, pois Tércia irá passar café. Quanto às fotos, Tércia diz que no passado não se deve mexer e que as fotos estão lá por um motivo: esquecimento.

Anna insiste e mostra a foto de um menino. Tércia responde que era seu filho que morreu. Mais velho que Clara.

Anna pede desculpas e mostra outras fotos. Dentre essas, aparecem as do casamento de Tércia. Ela conta como ficou sozinha e o que aconteceu com seu filho.

Anna levanta da mesa e lava as mãos com força na pia, enquanto fala.

Anna vê o quanto Tércia lava as mãos com força na pia e pergunta se está tudo bem. Tércia pede que ela a deixe só.

CENA 8 – COZINHA/CORREDOR/SALA DE TÉRCIA – INT – DIA

Anna passa pelo corredor que liga a cozinha à sala e observa vários armários cheios de medicamentos que estão à sua volta. Ela olha para trás e vê Tércia passando as mãos no rosto.

**CENA 9 – ANNA SAI DA CASA DE TÉRCIA E CAMINHA NA RUA
EXT/INT – DIA**

Anna caminha rapidamente na rua de cabeça baixa.

CENA 10 – RUA DA CIDADE – EXT – DIA

Anna, caminhando ansiosa, quase chorando, esbarra com Valter. Ele se apresenta e diz que é o policial da cidade e que já sabia da nova visitante. Ele pergunta se pode ajudar. Anna diz que sim. Convida-o para entrar. Ele fica pensativo e aceita.

CENA 11 – SALA DA CASA DE ANNA – INT – DIA

Na sala, ele vê as fotos todas empilhadas e indaga o que está acontecendo. Anna responde que está conhecendo todos os habitantes e que gostaria que ele a auxiliasse identificando algumas pessoas.

Então, ela mostra a foto de dois homens caminhando na rua. Valter começa a rir e diz que um desses homens é ele mais novo. E que não lembrava da foto.

Anna mostra outras imagens e ele lembra de um caso grave que aconteceu na cidade, de uma morte estranha.

Uma mulher foi encontrada morta no lago, próximo da cidade. Anna pergunta como foi o acidente.

SEQUÊNCIA 3: O OCORRIDO**CENA 12 – LAGO – EXT – NOITE**

Em flashback, ele conta detalhadamente quem era a mulher que morreu. Valter conta que a mulher foi encontrada morta e que isso mudou a cidade.

CENA 13 – SALA DA CASA DE ANNA – INT – DIA

Valter menciona também os distúrbios de Amália e quando estes começaram. Anna diz que escutou gritos e que Maria havia comentado que era Amália. Valter diz que é comum isso, desde a morte da mulher. Ele pergunta o que Anna veio fazer na cidade de Cessares e ela diz que estava lá apenas para conhecer e fazer uma obra. Queria produzir e precisava de paz.

Valter se levanta, agradece a recepção e vai embora.

CENA 14 – SALA DA CASA DE ANNA – INT/EXT – DIA

Anna observa ele se afastar e entra.

CENA 15 – SALA DA CASA DE ANNA – INT – DIA

Anna começa a produzir algumas gravuras. Em cima de imagens de pessoas, ela faz intervenções nas fotos. Risca. Risca com força. Pinta. Sobrepõe fotos. Tudo com muita agilidade, sem critérios.

Às vezes, passa as mãos no rosto como se quisesse secar alguma lágrima. Os cabelos caídos escondem o rosto.

CENA 16 – PORTA DOS FUNDOS/COZINHA – EXT – NOITE

Anna ainda está produzindo. A sala está com vários desenhos espalhados. Ela escuta um barulho. Algo cai. Ela vai até a cozinha e vê um vulto correndo. Na manhã seguinte, Anna está na cozinha preparando o café. Pega uma agenda e folheia. Batem na porta.

SEQUÊNCIA 4: REVELANDO O PASSADO

CENA 17 - SALA DA CASA DE ANNA – INT – DIA

Anna recebe a visita de Amália. Esta diz que descobriu que Anna é filha de Anita. Conta sobre os casos que a mãe da garota tinha com vários homens.

CENA 18 - SALA/COZINHA DA CASA DE ANNA – INT – DIA

Após a visita de Amália, Anna recebe a visita de Clara. A menina conta que Maria é filha de Amália.

CENA 19 - SALA/CASA DE OSCAR - INT/DIA

Floriano e Oscar conversam sobre o encontro e eles combinam para noite um jantar na casa de Oscar. Floriano passa na casa de Anna e a convida. Anna confirma presença.

CENA 20 – QUARTO/ CASA DE ANNA – INT/DIA

Meio da tarde, Anna mexe nas fotos às pressas. Arruma a mala.

CENA 21 – ATELIÊ /CASA DE ANNA – INT/NOITE

Anna escuta novamente um barulho na porta dos fundos. Ela caminha calmamente, sai e olha para o ateliê. Atravessa o pátio e chega no ateliê. Quando entra, escuta mais barulho. Se vira e se assusta, é Clara. Clara comenta que ficou curiosa com as fotos. Anna vê que as caixas foram mexidas. Estão rasgadas e lembra que na noite passada viu um vulto.

CENA 22 – COZINHA/CASA DE ANNA - INT/NOITE

Clara e Anna entram na casa. Anna pergunta como está Tércia, e Clara diz que ela está sempre lavando as mãos e chorando.

SEQUÊNCIA 5: A NOITE

CENA 23 - CASA DE OSCAR - INT/NOITE

Anna vai para a casa de Oscar. Na chegada, Vilma a recebe e dá as boas-vindas. Eles observam Anna em todos os movimentos. Maria fica ao seu lado. Clara permanece sentada na poltrona escrevendo.

CENA 24 – SALA DE ESTAR CASA DE OSCAR – INT/NOITE

Passa a noite, eles jantam e então voltam para a sala. O clima já está mais descontraído. Quando Clara derruba seu caderno de anotações, a foto que ela roubou da casa de Anna cai. Floriano vê e a pega. De repente, ele olha para Anna e diz: “Você é filha de Leopoldo e Anita”.

CENA 25 - SALA DE ESTAR CASA DE OSCAR - INT/NOITE

A porta bate com força, é Amalia. A mulher entra na casa e diz: “Vocês sabem quem é ela?” Anna levanta da poltrona e tenta sair, mas é contida por Amalia. Amalia, então, revela que Anita era sedutora e que levava os homens para a casa dela e, não satisfeita, seduzia as mulheres. Inclusive ela. Revela que Anita foi morta por ela.

CENA 26 - SALA/ CASA DE OSCAR – INT/EXT/NOITE

Floriano e Valter retiram ela da sala. Anna olha para todos e sai.

CENA 27 - RUA DA CIDADE – EXT/DIA

No dia seguinte, os moradores saem para rua e, quando percebem, em todas as casas estão as fotos nas portas. As fotos dos respectivos moradores, em suas casas. Maria bate na porta de Anna, ninguém atende. Valter passa com Amalia no carro. Amalia está de cabeça baixa.

Fim do Terceiro Capítulo.

[Roteiro]

Início essa reflexão do roteiro avisando que contém *spoilers*. Após o desenvolvimento das escaletas, passei para a construção do roteiro. No começo, percebi que minha intenção de tratar do desaparecimento de uma cidade estava deixando o tema muito sério. A narrativa estava se tornando um suspense. Minha intenção desde o início era de fazer uma experimentação quanto aos elementos do roteiro. A intenção era trabalhar com uma direção de arte um tanto surrealista, porém o roteiro estava afastando essa possibilidade. Os personagens estavam monótonos.

Como esse roteiro partiu de um esboço de romance, minha narradora no original era a personagem Clara; já na microssérie, coloquei Anna como tal. Não funcionou. Os personagens estavam sem personalidade. Sérios. Já, ao escrever o primeiro capítulo, vi que não teria fôlego a história por ter ficado sem uma narradora que desse elementos mais personalizados. Voltei então à ideia original e trouxe a menina Clara como narradora. Isso foi oportuno, afinal, pude trabalhar com os elementos mais surreais. O mote da composição estaria em uma história sendo contada por uma menina de 10 anos que tem intenção de ser escritora. Sua imaginação aliada ao mundo infantil poderia trazer elementos que dão subsídios para a história. Com o mesmo *storyline*, percebi que a história poderia ser contada a partir dessa narradora-personagem. Clara teria achado fotos e um diário, e então, com seu olhar, contou a sua versão, o que faz dela uma narradora não confiável. No desenvolvimento do roteiro, criei elementos que se repetem e dão indício que a história tem algo de fantástico. De sonho. De imaginação.

Sempre que Clara estiver escrevendo, Tércia estará observando. Muitas vezes, os pais tentam discretamente ver o que seu filho está fazendo, e esse elemento foi transposto para um vulto que aparece quando Anna está sozinha. Quando escrevo um roteiro ou conto, sempre imagino a cena. Isso é natural no processo criativo da escrita, por isso, imaginei a tensão que poderia existir nesse vulto quando aparecesse. O espectador poderia pensar que era alguém "suspeito", porém a intenção é passar a sensação de estar sendo vigiado por alguém. Uma presença sem autorização. Esse elemento repete-se nos capítulos e serve como gancho.

CENA 37 - CASA DE TÉRCIA/QUARTO DE CLARA - INT/NOITE

Clara está escrevendo no seu caderno, sentada na escrivaninha, e olha para a foto que ela pegou na casa de Anna. Dá um leve sorriso e

continua escrevendo. Tércia a observa na porta, só aparece o vulto dela na porta entreaberta.

CENA 38 - COZINHA DE ANNA - INT/NOITE

Anna está sentada na cozinha ainda olhando as fotos. Aparece um vulto que é possível se ver pelo vidro da porta da cozinha. Anna não percebe, mas ela é observada. Fica mais alguns segundos olhando as fotos. Reúne todas as fotos no centro da mesa, depois levanta, apaga a luz e sai da cozinha.

Também quis mostrar algumas psicopatias, como nos personagens Tércia, que é hipocondríaca; Oscar, com sua grande quantidade de medalhas, que reproduzem um certo narcisismo e autoafirmação; Amália, por sua vez, pelo seu isolamento, a imaginação de estar acompanhada de outras pessoas quando está encenando. Esses elementos psicológicos dão base para as algumas ações que os personagens irão desempenhar. Como Field (2009) diz, "...o que é um personagem? Ação é personagem; uma pessoa é aquilo que ela *faz*, e não o que ela *diz*. Filmes são comportamento. Como contamos histórias por meio de imagens, devemos mostrar como o personagem age e reage a incidentes que ele ou ela tem de enfrentar e superar (ou não) ao longo da história".

Outro elemento que compõe a história é o uso das cores. Uma experimentação e/ou ousadia visual. Busquei nesse recurso a atmosfera que os personagens estarão inseridos. Lembro que, afinal, é uma menina de 10 anos contando a história! Na linguagem audiovisual, tem-se utilizado em muito da narrativa visual para dar subsídios ao desenvolvimento das personagens, e esse recurso é mais um indício para o espectador.

Estou tratando de fotografias de pessoas que desapareceram e foram descartadas por familiares. Esse mote poderia se tornar pesado, denso, mas acredito que possa ser tratado de forma leve e inusitada. As personagens não fazem referência de outras cidades, de como chegam na cidade. Anna, simplesmente, chega em uma noite sem explicação de onde veio. Gosto dessas histórias que ficam abertas, que gerem esse desconforto de não ter uma explicação racional. Deixo em aberto para que a história fique mais centrada na ação da personagem Anna. Percebi que, para criar esse "mundo" imaginário, o ideal seria afastar de referenciais como outras cidades, definição de época em que acontece a história ou até mesmo elementos eletrônicos que podem datar as ações das personagens. Não tem TV, celular, computador, mas ao mesmo tempo não é uma história de época. Penso que o

figurino seria composto por roupas contemporâneas, seguindo a composição do direcionamento da cenografia.

Assim, no momento em que esses novos elementos foram se desenvolvendo, as personagens também percorreram outros caminhos. O que aconteceu? A história tomou outro rumo diferente das escaletas desenvolvidas. Por se tratar de um processo criativo, apresentei como esse desenvolvimento ocorreu, não alterando o argumento nem as escaletas para que tivessem sintonia com o roteiro. As escolhas aconteceram de forma natural quando as personagens passaram a se relacionar com o ambiente, os elementos surreais propostos e a ação e reação dos diálogos. McKee (2006) comenta: "O processo criativo pode começar em qualquer lugar. Você pode ser inspirado por uma Premissa, um 'o que aconteceria se ...', ou um pouco de um personagem, ou imagem. Você pode começar no meio, no início, perto do final. Enquanto seu mundo ficcional e personagens crescem, eventos se conectam e a estória se constrói".

Assim, torna-se possível mostrar o caminho percorrido a partir do argumento até o roteiro. Posso afirmar que a história tomou outro rumo, não posso dizer que as atitudes dos personagens são as mais corretas, mas me pareceram sensatas no momento da construção da narrativa. Minha preocupação é que a história tivesse um início, meio e fim no decorrer dos três capítulos, que os personagens tivessem arcos definidos.

Ainda sobre o desenvolvimento, houve a preocupação quanto à estrutura que Field (2009) recomenda:

Ato I - Apresentação - Se um roteiro é uma história contada por meio de imagens, o que é que todas as histórias têm em comum? Um começo, meio e fim, ainda que nem sempre nessa ordem.

Ato II - Confrontação - É o segundo ato que o protagonista enfrenta um obstáculo atrás do outro, o que, por sua vez, o impede de satisfazer suas necessidades dramáticas.

Ato III - Resolução - É importante ressaltar que resolução não significa fim; significa, na verdade, solução.

Com base nesses conceitos, desenvolvi a história propondo que Anna descubra as fotografias no primeiro capítulo, enquanto no segundo ela percorrerá a vida das personagens movida por sua curiosidade e por fatos do passado, e no terceiro e último capítulo, a solução da história. Confesso que deixei o final um tanto aberto. Acho que é desafiador para o espectador quando isso ocorre, afinal, faz com que quem assiste também crie. Imagine. McKee (2006) comenta: "Um clímax da estória que deixe uma ou duas

questões não respondidas e alguma emoção não satisfeita é um final aberto". Ficam dúvidas em aberto na história, como: Anna e Maria já sabiam que eram irmãs? Maria foi criada junto com Anna? Amalia não reconheceu Maria? Enfim, são perguntas que não quis responder. Tive receio de deixar óbvia e objetiva a história.

Creio que esse final aberto propõe completar mais um dos elementos trabalhados na construção da narrativa. Como eu indaguei anteriormente: é uma ousadia? Acredito que sim. Mas a história, mesmo com essa dinâmica, tem uma linearidade.

FIM

CAPÍTULOS 1, 2 e 3

Os capítulos da minissérie foram suprimidos da versão digital, em função do autor ter interesse em inscrever os mesmos em editais de incentivo de conteúdos audiovisuais.

[Por fim]

“Escrever é reescrever”, dizia Moacyr Scliar

O roteiro apresentado certamente deverá ser revisto, assim como, deverão ser analisadas cenas que possam ser suprimidas e a real necessidade de cada personagem na trama. É normal um roteiro ser reescrito diversas vezes até chegar na sua forma final para gravação.

Além da equipe de redatores que analisam seriamente todos os elementos da narrativa, o diretor também faz suas sugestões bem como decupagem dos enquadramentos para filmagem. Além da filmagem, outro profissional que pode exercer influência no roteiro é o montador que dependendo dos cortes que forem feitos, gerará uma nova dinâmica na trama.

Ao longo do trabalho percebi que desenvolvi uma *bíblia*, que é um documento dá origem a um projeto audiovisual. Todos os elementos propostos tem como meta o direcionamento para o desenvolvimento da trama e, principalmente, criar a atmosfera que as personagens irão transitar.

Muitas idas e vindas foram feitas no argumento e no roteiro, por ser um trabalho audiovisual este torna-se complexo, pois existe uma interdependência entre linguagem, imagem e áudio. Por isso, foi anexado ao trabalho uma sugestão de trilha.

Por fim, o presente trabalho apresentado no Mestrado em Escrita Criativa, busca cumprir sua proposta inicial de ser uma peça autoral que visa apresentar o processo de criação de uma microssérie.

BIBLIOGRAFIA

- AUMONT, Jaques. **A imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- BARNWELL, Jane. **Fundamentos de produção cinematográfica**. 1ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- BERGMAN, Ingmar. **Imagens**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BETTON, Gérard. **Estética do Cinema**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- FIELD, Syd. **Roteiro: os Fundamentos do Roteirismo**. Curitiba: Arte & Letra, 2009.
- HILST, Hilda. **Bufólicas**. 4ª ed. São Paulo: Globo, 2013. (Obras reunidas de Hilda Hilst).
- HILST, Hilda. **Contos D'Escárnio: Textos Grotescos**. 1ª ed. São Paulo: Globo, 2002. (Obras reunidas de Hilda Hilst).
- HILST, Hilda. **Da morte. Odes Mínimas**. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2003. (Obras reunidas de Hilda Hilst).
- MCKEE, Robert. **Story: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro**. Curitiba: Arte & Letra, 2006.
- PALLOTTINI, Renata. **Microssérie ou telenovela**. Comunicação & Educação, Brasil, nº 7, p. 71-74, dec. 1996. ISSN 2316-9125. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36266/38986>>. Acesso em: 07 Jun. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i7p71-74>.
- RODRIGUES, Sonia. **Como escrever séries: Roteiro a partir dos maiores sucessos da TV**. São Paulo: Aleph, 2014.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Referências de minisséries:

Capitu

A Pedra do Reino

Hoje é Dia de Maria

Suburbia

Black Mirror

O Canto da Sereia

Amores Roubados